



## **Projetos apoiados na segunda edição (2015-2018)**

### **1. Forças Combinadas—Chapitô**

Durante 36 meses, cerca de 20 jovens sujeitos às medidas mais severas previstas na Lei Tutelar Educativa vão participar no Forças Combinadas, projeto desenvolvido pelo Chapitô-Coletividade de Cultura e Recreio de Santa Catarina. Os jovens reclusos do Centro Educativo Padre António de Oliveira (em Caxias) vão criar, com o apoio da equipa artística do Chapitô, uma companhia de circo nos seus vários aspetos, desde a gestão empresarial à criação e apresentação de um espetáculo de novo circo. Para o efeito, estão previstas aulas que ocuparão de quatro a seis horas por semana durante nove meses.

Segundo Américo Peças, coordenador do projeto, os jovens vão aprender as técnicas circenses e criar um espetáculo de novo circo e de teatro físico, que terá como mote «os grandes clássicos morais da humanidade, como é o caso de alguns textos edificantes de Shakespeare, fundamentais também para a discussão de projectos de vida». O objetivo maior do projeto é «usar a arte como instrumento de inclusão social», algo que, diz Américo Peças «faz parte da missão social do Chapitô». Serão ainda convidados mentores, pessoas reconhecidas do mundo artístico e da televisão, que irão acompanhar cada um dos jovens, sendo inspiradores no processo de «mudança de história de vida e de criar horizontes para lá da delinquência». Este é o segundo projeto do Chapitô com jovens sob regime prisional apoiado pelo PARTIS. Na primeira edição, o Chapitô desenvolveu o Mala Mágica, «com resultados muito positivos e já com sobrevivência assegurada».

### **2. Plante um Músico – Associação Cultural da Beira Interior**

O Plante um Músico- Projeto Zéthoven é destinado a crianças do quinto e sexto ano de escolaridade que tenham aptidões artísticas e musicais, mas que venham de famílias carenciadas socioeconomicamente e com dificuldade de acesso a atividades culturais. Cerca de 120 crianças de diferentes agrupamentos escolares, das zonas da Covilhã, Fundão e Guarda, vão frequentar ao longo de 36 meses as aulas de música da Escolinha do Zéthoven, da Associação Cultural da Beira Interior (ACBI).

O projecto da ACBI pretende contrariar a desertificação e fornecer a crianças carenciadas e isoladas uma formação musical e, eventualmente, para os mais



dotados, um percurso profissional. «Não vão todos ser músicos, mas vão ser melhores cidadãos», diz Luís Cipriano, maestro e coordenador do projeto. As carrinhas da Escolinha do Zéthoven irão buscar os miúdos às escolas para os levar às aulas de coro, percussão, educação musical e, para os que se revelarem dotados para tal, de instrumentos (piano, violino e violoncelo).

O projeto agora apoiado pelo PARTIS começou há dois anos, com financiamento de empresa locais e, por isso, «já foi testado». Os participantes terão aulas de duas horas por semana e alguns workshops intensos aos fins-de-semana, onde se vão conhecendo e interagindo, criando redes de convívio e «contrariando o grande isolamento em que muitas crianças vivem». Todos os grupos farão um mínimo de três concertos por ano.

### **3. Notas de Contacto – Orquestra de Câmara Portuguesa**

Um projeto piloto do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano criado pela Orquestra de Câmara Portuguesa (OCP) e é agora apoiado pela segunda edição do programa PARTIS. Durante 36 meses, músicos profissionais da OCP vão dirigir a formação de 25 clientes mais autónomos e outros com deficiência mais profunda da Cerci Oeiras, num total de 105 adultos com vários tipos de deficiência. Haverá apresentações públicas e está agendado para 25 de junho um concerto conjunto com a Orquestra de Amadores da Universidade de Lisboa (projecto também dirigido pela OCP e que terá colaboração estreita com o Notas de Contacto). Mas o mais importante, explica Teresa Simas, coordenadora do projeto por parte da OCP, não são os concertos onde participarão os clientes mais autónomos. O objetivo principal é que «através do contacto semanal com professores, músicos e terapeutas, os destinatários desenvolvam competências cognitivas que os vão ajudar no dia-a-dia». As várias sessões permitem «a aprendizagem formal e informal da música, mas também o saber expressar, escutar a voz do outro, trabalhar em grupo».

Os clientes mais autónomos irão aprender um instrumento, como o cavaquinho, o violino, o violoncelo, vibrafone, ou flauta para poderem tocar em ensemble.

Teresa Simas refere que há ainda o objetivo de editar as partituras que vão ser adaptadas para as várias deficiências.



#### **4. Odisseia /Artemrede**

O projeto Odisseia irá envolver ao longo de três anos cerca de uma centena de jovens de municípios da área metropolitana de Lisboa, distribuídos por seis grupos. Irão todos receber formação em três componentes artísticas: teatro/dramaturgia, artes de rua/artes circenses e cinema/música. O projeto desenvolvido pela Artemrede conta com a colaboração direta de vários parceiros locais e com a Associação Rumo que, explica Marta Martins, coordenadora do Odisseia, «tem grande implantação, sobretudo na margem Sul». Em cada município haverá parceiros da área social e cultural a acompanhar os participantes.

As três componentes começam com uma residência artística. No caso do teatro, será criado o espetáculo E Agora Nós, baseado na experiência e biografia dos envolvidos. O espetáculo estreia na Moita e será apresentado nos vários municípios envolvidos bem como no Maria Matos, teatro municipal de Lisboa que participa na produção. A Arte de Rua- Radar 360 dirigirá a formação de artes de rua e artes circenses dos jovens envolvidos. Durante a residência artística com os jovens, a companhia irá eventualmente selecionar artistas com os quais irá trabalhar no futuro. Na componente de música/cinema, os jovens vão criar seis filmes concerto, ligados por uma narrativa comum e que serão exibidos nos municípios. Marta Martins salienta que o Odisseia pretende oferecer formação certificada e, eventualmente, um futuro profissional. Outros objetivos passam por «promover a autonomia e capacidade de decisão e aproximar os jovens dos equipamentos e das atividades culturais dos seus municípios, uma vez que muitos estão completamente alheados das dinâmicas culturais institucionais».

#### **5. L'Ego do Meu Bairro/Olho.Te**

Desenvolvido pela associação OLHO.TE, o projeto L'Ego do meu Bairro destina-se aos habitantes do Bairro da Nazaré, na Ilha da Madeira, um conjunto residencial construído entre o início dos anos 1980 e 2001, cujos espaços se têm vindo a degradar. Neste espaço, só 38% dos quase 5 mil habitantes se encontra na vida ativa, o que resulta em problemas de inclusão social e auto-estima dos moradores. O projeto visa especialmente os jovens e crianças em situação de abandono ou insucesso escolar e as pessoas com dificuldade em aceder ao mercado de trabalho mas, indiretamente, «toda a comunidade está envolvida», diz Hugo Castro Andrade, coordenador do projeto.



O objetivo do l'Ego do Meu Bairro é a requalificação simultânea do espaço e das competências pessoais dos seus habitantes. Muitas ações serão de recuperação de espaços públicos, incluindo, muros, equipamento e jardins. Haverá workshops de jardinagem e de cerâmica e «é possível que a partir daqui alguém queira criar a sua empresa de jardinagem», exemplifica Hugo Castro Andrade. Estão ainda previstas ações de formação para aumentar as competências sociais e criar novas qualificações adequadas ao mercado de trabalho. As formações são variadas, desde o teatro e pintura a disciplinas de empreendedorismo. Outra das vertentes do projeto é ajudar a criar laços com as pequenas comunidades presentes no bairro.

## **6. Fado Dançado/ Associação Batoto Yetu Portugal**

O Fado Dançado destina-se a jovens do concelho de Oeiras de bairros habitados por uma população maioritariamente proveniente dos PALOP. Susana Neto, coordenadora do projeto, explica que vem de 2014 a ideia de recriar o fado dançado que se fazia no início do século XIX. Partindo de estudos académicos e com o apoio de investigadores e coreógrafos, a Associação Batoto Yetu Portugal recriou «esta origem multicultural do fado, com forte influência africana e brasileira». No século XX o fado dançado perdeu o uso. E é esta investigação e esta prática artística que tem desenvolvido que agora a associação quer transmitir aos participantes deste projeto. «Para os jovens de origem africana e com problemas de auto-estima e de integração na sociedade este conhecimento de que as raízes culturais do fado estão associadas à cultura africana e brasileira é um dado muito positivo», salienta Susana Neto. Os jovens que se destacarem durante os ensaios e espetáculos poderão vir a integrar o grupo Fado Dançado.

Os bairros participantes serão, no primeiro ano, Barronhos (Carnaxide) e Lage (Porto Salvo) ; no segundo ano será o bairro do Pombal (Oeiras) e no terceiro o Bairro dos Navegadores (Porto Salvo) . Os jovens entre os 12 e os 30 anos participarão em workshops intensivos de dança, percussão e guitarra portuguesa. «Queremos contribuir para a mudança de mentalidades e criar um produto cultural inovador e de qualidade», sintetiza Susana Neto. Durante os 36 meses de atividade do projeto haverá o envolvimento dos parceiros locais. Numa primeira fase, na seleção dos participantes e durante todo o tempo na resolução das «várias dificuldades que poderão surgir. Sabemos que está mais em jogo do que apenas chegar e aprender passos de dança».

## **7. Integrar pela Arte-Imagine Conceptual /Movimento de Expressão Fotográfica**



Não é uma primeira vez. O Movimento de Expressão Fotográfica já trabalhou com cegos e deficientes visuais. O projecto apoiado pela segunda edição do PARTIS destina-se a pessoas com deficiência visual (cegos ou com baixa visão) que pretendam criar um trabalho fotográfico. Tânia Araújo, coordenadora do Integrar pela Arte-Imagine Conceptual, refere que a ideia é aproximar os cegos e os amblíopes do universo dos normovisuais. No final, os participantes (num total de 80, em Lisboa e em Viana do Castelo) irão fazer uma exposição fotográfica que resulta de todo o «trabalho artístico de desenvolvimento pessoal». Como se põe cegos a fotografar? Primeiro há um trabalho de análise e discussão dentro do grupo, visita a museus e teatros, a exposições. «Contactar com o trabalho que influencia os artistas, basicamente». O ponto de partida é o trabalho com o corpo, o movimento e o espaço, gerando-se discussão dentro dos grupos, que deverão ser relativamente homogéneos «para podermos ter um discurso coerente para todos». Depois, os participantes irão de facto utilizar equipamento fotográfico para produzir uma narrativa fotográfica, essa com carácter pessoal e individualizado. No terceiro, e último, ano do projeto será feita uma exposição e um livro inclusivos (dirigidos ao mesmo tempo a espetadores com e sem deficiências visuais), juntando esses dois mundos que raramente se cruzam.

## **8.UNIVERSO283/ mala voadora**

26 alunos de uma turma do 10.º ano de escolaridade são os destinatários de UNIVERSO283 ,um projeto artístico de intervenção social concebido pela companhia mala voadora, em parceria com a Escola de Comércio do Porto e a A3S - Associação para o Empreendedorismo Social e a Sustentabilidade do Terceiro Sector. O UNIVERSO283 irá acompanhar os alunos de uma turma do Curso Técnico de Vendas desta escola vocacional do 10.º até ao termo do 12.º ano. No final os jovens vão abrir uma loja na baixa do Porto, um projeto experimental que mistura o teatro duracional (com um horário de expediente) numa loja com características de comércio normal. Os clientes poderão nem se dar conta que participam numa performance. Os alunos desta escola são provenientes de várias freguesias do Porto e têm uma história de insucesso escolar repetido que os levou a deixar o ensino regular. O objetivo do UNIVERSO 283 é «com apoio de uma equipa artística de grande qualidade», ajudar os alunos a definir um projeto de realização pessoal e profissional. «No primeiro ano estamos focados no tema da autobiografia como forma de criar horizontes», refere Vânia Rodrigues, coordenadora do projeto. «Queremos que cheguem ao teatro um pouco mais tarde para que desenvolvam um trabalho intelectualmente mais arriscado e já



com mais maturidade». No final a loja/performance poderá tornar-se numa loja real. «É esse o desafio, que faz todo o sentido porque os jovens receberam treino específico para o comércio. Era interessante que o fim do UNIVERSO 283 fosse o início de algo com vida própria», explica Vânia Rodrigues.

A medição do impacto do projeto vai ser feita «de forma objetiva», com o apoio de uma equipa de sociólogos: «Vamos avaliar as perspetivas de futuro no dia zero e no final».

### **9. Tum, Tum, Tum /Centro Social de Soutelo**

O Tum, Tum, Tum, destinado a desempregados e crianças e jovens em risco do concelho de Gondomar, está ancorado no grupo já existente Xilobaldes, uma conhecida banda de percussão cujos instrumentos são feitos com materiais recicláveis. Desenvolvido pelo Centro Social de Soutelo, o Tum, Tum, Tum irá possibilitar, ao longo dos 36 meses de duração, formação musical a mais de 100 jovens e a duas dezenas de adultos portadores de várias deficiências.

Os participantes estão divididos em quatro grupos, provenientes do Centro de Reabilitação da Areosa, de Rio Tinto, de São Pedro da Cova e da Foz do Sousa. «As oficinas de música inclusiva também são oportunidades de trabalhar competências pessoais e sociais que favoreçam a empregabilidade», diz Hélder Nogueira, responsável pelo projeto. Todos os quatro grupos vão ter encontros semanais e estão previstas duas actuações por ano. Os elementos que mais se destacarem poderão integrar a 'banda-mãe', o Xilobaldes. Os grupos irão sendo renovados à medida que os seus participantes encontrem emprego. Quarenta participantes terão ainda formação para se tornarem eles próprios instrutores do Tum, Tum, Tum. «A ideia é que o projeto ganhe escala no concelho de Gondomar e possa ser sucessivamente replicado, garantindo a sua auto-sustentabilidade», explica Hélder Nogueira.

### **10. Pavilhão Mozart- Só Zerlina ou Così fan tutte?/ Sociedade Artística e Musical dos Pousos**

A Sociedade Artística e Musical dos Pousos (SAMP) participa pela segunda vez no programa PARTIS. Na primeira edição, com o projecto Ópera na Prisão, foi



levado à cena Don Giovanni , de Mozart, obra recriada por reclusos do Estabelecimento Prisional de Leiria (Prisão Escola Jovem). Desta vez, e num projecto previsto para durar 36 meses, no mesmo estabelecimento prisional, os objectivos são mais ambiciosos. «Na primeira edição procurámos que os reclusos descobrissem a música clássica e a ópera. Em 2016, queremos estabelecer ligações também com os familiares, com os amigos e com a comunidade exterior», explica Paulo Lameiro, coordenador do projeto. Nesta segunda edição, os participantes já não são apenas os reclusos. Agora os destinatários/participantes abrangem também os guardas prisionais, famílias e amigos. A proporção é de 40 reclusos e 60 ‘outros’ . «Percebemos que sendo isto um projeto de arte participada não há resultados realmente importantes se não tivermos o envolvimento direto de todos os agentes diretos para a transformação do recluso».

A ópera a recriar é igualmente de Mozart, o Cosí Fan Tutte, e toda a montagem, incluindo cenários e figurinos, é feita pelos participantes. Além da criação do espetáculo, o Pavilhão Mozart inclui a recuperação de um edifício, dos muitos pavilhões degradados da antiga quinta onde está o Estabelecimento Prisional de Leiria . Será um centro de artes performativas, dinamizado pelos reclusos, que estará aberto à comunidade também fora dos muros, a funcionar além dos 36 meses de duração do PARTIS. «O mais radical e inovador é que queremos que a comunidade olhe de forma diferente para a comunidade prisional. Até o magistrado tem que se envolver mais, mesmo que isso pareça muito utópico», defende Paulo Lameiro.

## **11. Refúgio e Arte: Dormem mil cores nos meus dedos /Conselho Português Para os Refugiados**

O projeto do Conselho Português Para os Refugiados destina-se a cerca de 40 jovens refugiados, entre os 14 e os 18 anos, que chegaram a Portugal sem o acompanhamento de um familiar ou adulto e que estão a viver no Centro de Acolhimento de Menores Desacompanhados, em Lisboa. «São jovens que são identificados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e que nos são encaminhados», explica Alexandra Carvalho, responsável nesta ONG pelo Refúgio e Arte: Dormem Mil Cores Nos Meus Dedos. O tempo médio de permanência destes jovens no centro do CPR é de 5 meses e deixam as instalações, normalmente, quando completam 18 anos, sendo que após esse momento são encontradas novas soluções. «Há alguns que conseguem ter um emprego estável e viver pelos seus próprios meios». Mas quando chegam a Portugal, «não conhecem a nossa língua, e muitos são analfabetos no seu próprio



idioma». Este é a segunda vez que o PARTIS apoia um projeto do CPR. No anterior, foram feitas oficinas de teatro. «Neste projeto vamos trabalhar as artes plásticas, em coordenação com a aprendizagem do português. Muitos miúdos que vieram de países em guerra nunca pegaram sequer num lápis de cor. Há uma dimensão terapêutica e de aprendizagem no nosso projeto». Esta edição está desenhada para 40 destinatários por ano. E conta com vários parceiros , «incluindo reputados artistas plásticos em áreas como pintura e olaria». Os participantes irão integrar ateliês desses artistas e, eventualmente, lá encontrar uma profissão.

## **12. PA-REDES Clube Intercultural Europeu**

Um museu urbano ao ar livre feito pelos próprios moradores e que espelhe as memórias dos bairros sociais João Nascimento Costa e Carlos Botelho, em Lisboa, na freguesia do Beato, é o que vai resultar da intervenção do projeto do Clube Intercultural Europeu (CIP) denominado PA-REDES. Numa primeira fase, far-se-á o levantamento das memórias e histórias dos bairros, com a participação de toda a comunidade. «Essas histórias poderão ser dramatizadas na rádio do CIP», diz Maria Penide, coordenadora do PA-REDES. «A ideia é recolher as memórias e o convívio nos bairros, mas também criar imagens do que queremos que seja o futuro». Paralelamente, irão decorrer ateliês de pintura e desenho, estes mais vocacionados para as crianças e jovens participantes (cerca de 50) e que, a partir de Julho e ao longo do Verão, irão pintar cerca de 10 murais nos dois bairros, com imagens que têm que ver com a recolha de imagens de todos. Os locais a pintar serão definidos em assembleias comunitárias.

Na fase seguinte, irá ser mostrado o que foi o projeto artístico, com uma grande apresentação em novembro/dezembro. Nesta última fase, diz Maria Penide , haverá «capacitação dos jovens, na área do marketing , publicidade e redes sociais, para serem comunicadores e animadores locais» Esses jovens serão guias do território onde houve a intervenção, podendo assim abrir as portas do bairro a visitantes. «Queremos que haja um roteiro a ligar os murais destes dois bairros e que isso possa ser visto por pessoas de fora. É uma maneira de abrir a comunidade e quebrar barreiras», explica Maria Penide.

## **13. Geração Soma/Associação Vo'Arte**



O projeto Geração Soma, criado pela Associação Vo' Arte, destina-se especialmente a crianças do ensino básico com Necessidades Educativas Especiais (NEE) nos agrupamentos de escolas de três freguesias de Lisboa: Parque das Nações, Telheiras e Estrela. Sendo especialmente destinado a crianças com vários tipos de deficiências, visa integrá-las no grupo maior das escolas, «porque é assim que entendemos que deve ser», diz Ana Rita Barata, coordenadora do Geração Soma. O projeto está na fase de definir os grupos e identificar as diferenças de abordagem para as escolas destas três freguesias «Encontrámos realidades completamente diferentes, no que diz respeito aos estratos sociais, às abordagens à inclusão, à maneira como as juntas se envolvem nestas matérias», explica. No agrupamento Josefa d'Óbidos já está definido o grupo de trabalho: deverão ser cerca de 250 crianças sem necessidades educativas especiais e 32 portadores de vários tipos de deficiências. «Queremos promover um contacto profundo entre os dois grupos», sustenta Ana Rita Barata, «porque em muitas escolas não há nenhum tipo de convívio entre estas crianças». E há outra ideia fundamental: «Todos têm que estar de livre vontade e não por obrigação». No projeto artístico de dança será abordada a ideia de super-herói, que começa a ser desenvolvida dentro da sala de aula. «Queremos investigar quais são os super poderes de cada um», adianta Ana Rita Barata. Dessa investigação e das residências artísticas da companhia de dança da Vo'Arte sairá um espetáculo que estreia em Maio de 2017. «É uma experiência piloto para nós, e há um potencial criativo muito grande que vai vir do lado dos intervenientes», refere Ana Rita Barata.

#### **14. Retratos das Ilhas: Bonfim Para Além das Fachadas/Rede Inducar**

O objetivo é criar um programa cultural nas ilhas (habitações sociais típicas da cidade do Porto) do Bonfim, envolvendo todos os seus moradores. O projeto de 24 meses de duração da Rede Inducar passa pela fotografia e pelo teatro comunitário. Irá ser feito um levantamento de fotografias antigas e aos 80 destinatários diretos serão dadas máquinas para que capturem a vivência das ilhas nos dias de hoje. «Vamos fazer um registo do património humano e construído», diz Patrícia Costa, responsável pelo projeto. De momento, a Junta de Freguesia do Bonfim está a fazer reabilitação de algumas ilhas e o projeto da Rede Inducar, «que envolve toda a população desde a base, mas sem que nada seja imposto», é também um complemento para o aumento da auto-estima da população «e desenvolvimento de novas competências que os retirem do isolamento», defende Patrícia Costa. «Neste processo vamos dialogar com os moradores como deviam



ser as ilhas e o que gostariam de manter e de mudar». E esta informação será também usada para construir a peça de teatro comunitário que será levada à cena em 2017. «O nosso objetivo é também desenvolver competências transversais, e promover o encontro entre moradores mais velhos e mais novos», refere esta responsável.

### **15. Novos Alunos d@ Guilherme Cossoul /Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul**

O resultado final será a criação de uma banda filarmónica integrada por crianças entre os 8 e os 14 anos, parte delas sinalizadas pela Junta de Freguesia da Estrela como crianças em risco, provenientes de famílias com carências socio-económicas. O projeto Novos Alunos d@ Guilherme Cossoul, com duração de 36 meses, destina-se a 30 crianças da Madragoa, da Pampulha, da Rua Possidónio da Silva e da Rua do Possolo. Para ser integrador - embora vise principalmente as crianças em risco - «serão convidadas também a participar crianças sem problemas de inclusão social», refere Rui Magno Pinto, responsável pelo projeto. Uma das condições é que as crianças que aderem à iniciativa «dêem garantias de que não vão abandonar a meio». A formação é aos sábados de manhã «e será uma forma de tirar os miúdos das ruas e de algumas áreas de reconhecido tráfico de droga», ao mesmo tempo que se dá formação musical, abrindo novos horizontes. Pretende-se também a criação de uma escola de música de instrumentos de sopro.

### **16. Contratempo: Grupo de Intervenção Social Através da Música/Associação Nova Aurora**

O Contratempo começou antes de se inscrever no PARTIS. «Esta brincadeira entre utentes e tuna começou em Abril de 2015. Tivemos cinco ou seis meses de trabalho e quando surgiu a possibilidade de nos candidatarmos ao apoio da Gulbenkian pensámos que seria uma forma de tornar o projeto mais maduro e com a possibilidade de replicação», explica Raquel Simões de Almeida, responsável da Associação Nova Aurora na proposta que junta uma tuna de estudantes de Tecnologias de Saúde e os 45 utentes da associação, maioritariamente pessoas com esquizofrenia da área do Porto. Destes, apenas os mais autónomos, cerca de 25, irão participar nos espectáculos, «mas todos, de alguma forma, estão envolvidos». Os destinatários vão ter aulas de instrumentos e de canto em conjunto com a tuna e vão criar uma máquina fotográfica artesanal,



«pin-hole», para documentar todo o processo. As aulas que os utentes e os elementos da tuna vão frequentar estão integradas numa unidade curricular do mestrado da Escola Superior de Música, Artes e Espectáculos (ESMAE). O mestrado vai ter disciplinas específicas para este projecto. Raquel Simões de Almeida refere que já há espetáculos marcados, sendo o último na Casa da Música, em 2017. Está igualmente planeada uma exposição fotográfica com os trabalhos feitos pelos utentes no Centro Português de Fotografia.

